

RAUL DE CARVALHO E ALVITO – SANGUE MISTURADO

Ana Luísa VILELA¹

RESUMO

Integrado no projecto RAUL DE CARVALHO (CIEL/ CEL), este trabalho visa a revalorização crítica de uma das dicções poéticas mais originais e exuberantes vozes líricas do séc. XX português.

Apesar da sua notória irregularidade, a vasta e torrencial produção do poeta alvitense Raul de Carvalho (cujo espólio está a ser tratado no âmbito do projecto) constrói, de forma praticamente constante ao longo das quase 5 décadas da sua vida literária, uma orgânica identificação com o espaço alentejano. Partindo de propostas metodológicas como as de Michel Collot, P. Thompson ou Jean-François Lyotard, o objectivo desta comunicação é a leitura desta específica *geografia poética* no que ela contém de mais visceralmente materno e estruturante.

PALAVRAS-CHAVE: literatura e espaço; lírica

Descobrir Raul de Carvalho

Vou falar-vos de um poeta que ninguém conhece.

Tinha pensado começar assim esta comunicação, anunciando-vos a minha descoberta de um poeta contemporâneo alentejano, natural de uma pequena vila aqui perto de Évora, Alvito.

Raul de Carvalho morreu em 1984. E, praticamente desde a sua morte, o seu espólio jaz, quase intocado e por inventariar, em caixas de cartão e plástico, poeirentas e abandonadas, nas caves da Biblioteca Municipal da vila em que nasceu. Foi aí que eu

¹ Universidade de Évora, Departamento de Linguística e Literaturas. Largo dos Colegiais, 2, 7000 Évora. analuisavilela@gmail.com ou allvv@uevora.pt

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

descobri o poeta e os seus despojos; e, ainda, uma obra extraordinariamente contraditória, visceral e polémica, uma biografia curiosa e uma história póstuma de contornos quase policiais.

Alvito foi, em tempos, maior do que lho consentiriam o Destino, a História e os seus próprios recursos naturais. A sua ascensão improvável está ligada à guerra da Independência e à defesa de Évora, no séc. XIV. Capital, no século seguinte, da 1^a baronia fundada em terras de Portugal, Alvito tornou-se opulenta, sede de um poder político-económico rápido e até certo ponto accidental. Em breve conheceria o declínio, sem que nunca se tivesse curado da grandeza perdida, que revê ainda na monumentalidade esplêndida e desocupada das suas igrejas, castelo, arte manuelina ainda hoje ao alcance da mão, nos pórticos das casas mais humildes.

Nasceu o nosso poeta em 1920 nesta terra rica de gente pobre, embora, em rigor, ao longo da sua vida, ele tenha invertido poeticamente esta antítese. Filho de um sapateiro e de uma doméstica, gente muito modesta, começou cedo a trabalhar numa farmácia na sua vila e, em breve, em Lisboa, onde viveu quase toda a sua vida². Mais tarde, já adulto, acabará o Liceu (Ensino Médio) e chegará, orgulhosamente, a inscrever-se na Faculdade de Direito de Lisboa. Desde quase criança escreve e pinta.

Acamarada, em Lisboa, com as maiores figuras da vida literária portuguesa e começa a publicar em 1942. Fundará, com Ramos Rosa e José Terra, a importante revista de poesia *Árvore*, nos anos 50 (que a censura rapidamente extinguirá). Publica

² Cf. LEAL, Maria Luísa (1993). “Notícia biográfica sobre Raul de Carvalho”. *Obras de Raul de Carvalho I – Obra Publicada em Livro* (com Nota de Luiz Fagundes Duarte). Lisboa: Caminho. 1015-1023.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

abundante e regularmente; recebe um prémio literário em Itália; tem dificuldades económicas e de saúde; consegue finalmente instalar-se com algum conforto e com os seus pais, em Lisboa, numa casa que será palco da sua poesia, dos seus amores e de desvairadas manobras de assalto, depois da morte do poeta. Homossexual assumido, militante inscrito no Partido Comunista, fotógrafo apaixonado, pintor com exposições públicas, é antes de tudo um dilacerado esteta da solidão. Já depois da revolução democrática de 1974, vive no fio da navalha, com uma doença do coração de que recusa fazer-se operar em Londres e uma exuberante actividade vital e poética. Entre 1942 e 1984, publica 25 obras. Em 3 de Setembro de 1984 morre de ataque cardíaco, no Porto, em casa de amigos. Completaria no dia seguinte 64 anos.

A biografia de Raul Maria de Carvalho confunde-se com a de toda uma geração literária e com a própria História da Literatura Portuguesa Contemporânea. Ele não é, afinal, um poeta desconhecido – é um poeta esquecido e, ainda hoje, extraordinariamente difícil de classificar. As suas ligações, simultâneas e fusionais, ao neo-realismo, ao lirismo popular e medieval, ao surrealismo e ao romantismo; a temática metatextual, erótica, intersemiótica, espacial, convivendo com um apelo metafísico e com uma literal “estética da banalidade”; a própria torrencialidade, polivalência e extrema irregularidade da sua obra (lírica, pictórica, caligráfica, fotográfica, dramaturgic); o esquecimento crítico em que o seu nome caiu, coexistindo com a memória emocionada que dele têm ainda os seus poucos amigos vivos - fazem dele uma espécie de pura síntese do criador em estado impuro. Se alguma classificação

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

lhe poderemos atribuir, que seja aquela com que Emil Staiger caracteriza o poeta: “[...]”

O poeta lírico não tem destino”³.

A fortuna crítica de Raul de Carvalho

E, no entanto, muitíssimos e muitíssimo ilustres críticos, enquanto o poeta foi vivo, lhe dedicaram recensões, artigos, estímulos, atenção cuidada. Um levantamento recente, realizado pela minha colaboradora e mestranda Dr.^a Isabel Rato, impressiona pela qualidade dos autores que o leram criticamente e pelo número de textos que lhe consagraram. Ernesto de Melo e Castro, Natércia Freire, João Gaspar Simões, Gastão Cruz, Luís de Miranda Rocha, Jorge Listopad, Hélder de Moura Pereira, António Cândido Franco, António Cabrita, Fernando Pinto do Amaral, Jacinto Baptista, Casimiro de Brito, Maria Antónia Fiadeiro, Luís Fagundes Duarte, Maria Leonor Nunes, José Carlos de Vasconcelos, Serafim Ferreira, Ângela Caires, Jorge Fernandes da Silveira, Afonso Cautela, António Augusto Menano, Albano Martins, Maria Teresa Horta, António João Valério – assinam, nas páginas de inúmeros jornais e revistas, artigos sobre Raul de Carvalho. Citem-se os títulos desses periódicos: *Diário de Notícias*, *Público*, *Seara Nova*, *Cadernos do Meio-Dia*, *Jornal de Artes e Letras*, *República*, *O Diário*, *O Jornal*, *Sema*, *Vida Mundial*, *Diário de Lisboa*, *Jornal de Queluz*, *A Página*, *Flama*, *Jornal do Fundão*, *Jornal de Serpa*, *1º Janeiro*. Esses e outros críticos, como Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio, David

³ STAIGER, Emil (1997). *Conceitos Fundamentais de Poética* (3ª ed). Trad. de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 75

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Mourão-Ferreira, António Ramos Rosa, Maria de Lurdes Belchior, Maria de Fátima Marinho, Arnaldo Saraiva, Fernando J. B. Martinho e Maria Luísa Leal, integram-no no corpus de teses de mestrado e doutoramento, inserem-no em antologias literárias e em visões de conjunto sobre a poesia portuguesa da 1^a metade do século XX. A revista *Silex* dedica-lhe um número, 2 anos após a sua morte⁴. Jorge de Sena incluiu-o entre os 100 melhores poetas do século XX português. Eduardo Lourenço considerou-o herdeiro de Álvaro de Campos.

E, contudo, uma persistente nuvem de abandono e esquecimento persiste hoje sobre Raul de Carvalho – discretamente clareada, aqui e ali, por artigos saudosos e esparsos. Foi no meio dessa nuvem que, por volta do ano de 2004, vinte anos após a sua morte, eu o encontrei nas caves de Alvito, sua terra natal, poderoso e recalcado como a matéria do inconsciente.

Uma peculiar geografia poética

A *geografia poética* de Raul de Carvalho está, por critérios histórico-literários e cronológicos, antes de tudo ligada ao neo-realismo. Contemporâneo de Manuel da Fonseca, Mário Dionísio e Carlos de Oliveira, Raul parece, antes de mais, sensível a uma certa “função desalienante” da poesia, abraçando com desenvoltura e flagrante eficácia lírica uma matriz realista, referencial ou até épica.

⁴ *Revista Silex. Revista de letras e artes* n^o10. Set. 86. Lisboa.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Os poemas “Quadras”⁵ e, sobretudo, “As falas de um camponês”, textos das primícias do autor, contêm as primeiras proclamações de uma “opção de classe”, como que em registo metalúrico, pelo “valor” essencial da fala popular: “As falas de um camponês/ São firmes como punhais./ – Ó Senhor doutor de leis,/ Diga lá quais valem mais. [...]// – Alma do povo a falar, / com quatro versos apenas / Aberta de par em par.”⁶

Tal desígnio e tais procedimentos, aí já esboçados, são patentes em poemas como “Ri-te, Ri-ta”, dedicado “Aos camponeses de Évora”, típico poema “de denúncia” circunstancial, em ritmo de marcha (“Com noventa feridos/ Caídos no chão/ É uma vergonha/ Andar uma pessoa/ Pedindo dinheiro/ Nas Secretarias [...]”⁷). Note-se, já, o negro e irónico *ex-abrupto* produzido pela contiguidade das referências à violência física e ao quotidiano burocrático. Será, no entanto, em “Carta ao pintor desesperado Manuel Ribeiro de Pavia” e em “Aleluia dos Camponeses” que melhor se assinalará a presença, simultaneamente geracional e autoral, de constantes como a premência dos motivos da fome e do medo (“Temos fome. E não são os candeeiros de porcelana que nos matam a fome. // Temos medo. E não são as estatuetas que nos defendem. [...]”⁸; “Se a tua sina é fome,/ aqui estou a cantar-te”⁹) – que, justapostas em antítese a alusões sumptuárias, articulam uma programática “luta de classes”.

Observe-se, porém, que o *explicit* do longo “Aleluia dos Camponeses” anuncia já o seu silenciamento, resvalando de um belíssimo hino colectivo (“No silêncio se tinge de um sangue novo a nova face. Permanece calada a boca. Há, porém, lá dentro, o

⁵ *Obras de Raul de Carvalho I – Obra Publicada em Livro* (com Nota de Luiz Fagundes Duarte). Lisboa: Caminho. 42-43.

⁶ Id. 41-42.

⁷ Id. 810-811

⁸ Id. 41.

⁹ Id. 586.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

contínuo rumor da aurora. E a solidão permite que se adormeça e se sonhe – acompanhado.”¹⁰) - para um inesperado paradigma confessional, na última parte do poema. Os últimos versos recuperam, então, uma vertente redentora que se afasta já da matriz ideológica, para a inscrever num destino supra-pessoal de transcendência: “Quero que o meu canto seja como as espigas, pequenos grãos de Esperança. // Foi a Beleza que me procriou.”¹¹.

Percebemos, pois, que, mesmo os poemas mais vistosamente marcados pela questão social e pela doutrinária “atenção ao mundo”, contêm já um movimento talvez vanguardista – aquilo a que, à falta de melhor, designámos por “resvalamento” – em direcção a *outra coisa ainda*. Trata-se, talvez, da busca, tipicamente moderna, de uma utopia estética, uma “Língua Mágica”, que fosse capaz de recuperar, à maneira dos fenomenologistas, a linguagem do Ser e das coisas, a verdade intrínseca do Real¹². É uma atitude que podemos, como Melo e Castro¹³, atribuir ao ecletismo congénito da geração da *Távola Redonda*, dos *Cadernos de Poesia* e da *Árvore*, e à sua adopção de um “Realismo Contraditório” ou de um “Humanismo Dramático”, condensando neles uma multiplicidade de funções do poético¹⁴. Isto é – apoiadas na matriz realista e, de um modo ou de outro, na esteira de Fernando Pessoa e Álvaro de Campos, estarão estas poéticas já aptas a valorizar as funções da percepção subjectiva. Mas, ao mesmo tempo, não se desvincularão de uma vertente marcadamente ideológica. Esta penosa flexão, ou

¹⁰ Id. 496.

¹¹ Id. 497.

¹² JÚDICE, Nuno (1998). *As Máscaras do Poema*. Lisboa : Aríon (col. Parque dos Poetas). 14

¹³ MELO e CASTRO, Ernesto de (1984), *Projecto: Poesia*, Lisboa: IN/CM. 71.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

oscilação, terá noutros poetas – e, sempre, também em Raul de Carvalho - expressões aventurosas no Surrealismo e no barroco contemporâneo¹⁵.

Entre a biografia e a ideologia

A componente autobiográfica e a representação do espaço íntimo na poesia de Raul de Carvalho, vinculadas a uma busca constante da estruturação da identidade do sujeito lírico, foram muito bem analisadas pela investigadora Maria Luísa Leal¹⁶. *Talvez Infância*, de 1968, contém exemplarmente aquilo que esta autora classifica como “projecto de reconstituição de uma vida”, que se exprime, mimeticamente, pela fragmentação e pela “subjectivização” dos enunciados, recorrendo ao espaço geográfico e afectivo como modo de buscar a estabilidade identitária¹⁷. Em *Tautologias*, do mesmo ano, sintetiza-se esta visceral identificação: “Se há coisa que eu sinta/ com amor e terror/ são as coisas que falam/ do meu Alentejo.”¹⁸. Em *Poemas Inactuais*, de 1971, o longo e importante poema “Perdão” encena um regresso impossível à sua terra e à sua

¹⁵ MELO e CASTRO, Ernesto de (1980). *As vanguardas na poesia portuguesa do séc. XX*. ICALP: Biblioteca Breve. 71. Veja-se, a este propósito, o cariz marcadamente surrealista da longa composição “Dias de Festa”. Op. cit. 717.

¹⁵cf. LEAL, Maria Luísa (1996). *A Construção do Sujeito na Poesia de Raul de Carvalho*. Câmara Municipal de Alvito. 60-81.

¹⁶ Id., 60-62

¹⁷ Op. cit. 502.

¹⁵ Id. 510.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

solidão elementar; e esse “campo queimado”, essa “planície de alma” – a mesma de Bernardim, Florbela e Fialho – parecem oferecer ao sujeito, agora, um apaziguamento ao qual, sem poder chamar-se alegria, se poderá chamar confiança. Ou redenção natural: “No fragor da batalha as árvores crescem./ Há um perdão oculto sob a terra.”¹⁹.

Estratificada, fragmentária, vaporizada ou densificada, essa operação poética de identificação autobiográfica está, contudo, um pouco afastada do objectivo imediato deste trabalho, de vocação mais sistematizante – e, necessariamente, menos interessante. O que aqui queremos ressaltar é, na generalidade, uma sua consequência teórico-cultural, de que podemos, de certo modo, assinalar, não sem alguma amargura, a singular ironia.

Por um lado, percebemos que, apoiada numa solidão absoluta e irremissível, própria da criação lírica, a geografia poética de Raul encontra no espaço de Alvito e na memória do Baixo Alentejo um território privilegiado de projecção poética. Como disse Urbano Tavares Rodrigues, outro alentejano: “Alentejo. Acaso nenhuma região de Portugal põe, como esta, na literatura, a marca da terra.”²⁰. Essa marca imbrica-se inextricavelmente numa poética da solidão: “E a solidão em toda a parte/ a solidão em toda a parte”²¹. É a “solitude essentielle” de que nos fala Maurice Blanchot - aquela solidão que propicia a irrupção da dissimulação criadora²².

Por outro lado, a prática literária neo-realista, doutrinária e ortodoxamente enraizada na militância política – tal como a observamos em Soeiro Pereira Gomes ou no próprio Urbano, por exemplo – ganha viva autenticidade lírica com o enfoque

¹⁹ Id., 510.

²⁰ dc^o de literatura, ver...

²¹ Op. cit. 228.

²² BLANCHOT, Maurice (1955). *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard. 28.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

subjectivo e “especializa-se” na temática alentejana, movimento para que já a predispunham o regime de latifúndio e a tremenda e ancestral realidade das fomes na região.

Isto é: todos os factores, ideológicos, estéticos, materiais e existenciais, terão concorrido, afinal, para a constituição de um conjunto fixo de clichés estético-ideológicos, vindos já de longe (dos primeiros anos do século XX, com o Conde Monsaraz e depois com Florbela Espanca; ou, mais remotamente ainda, de Bernardim ou das *Lettres d'une Religieuse Portugaise*). Ou seja: o enraizamento profundamente poético e simbólico da “marca Alentejo”, ampliada e reforçada até ao *cliché* turístico, parece ter vingado, num primeiro momento, no interior do discurso literário. E, depois, mercê da sua irrecusável sugestividade poética, essas imagens – de que Raul de Carvalho se considera explicitamente co-autor – terão sido divulgadas, esquematizadas e simplificadas, até à constituição do estereótipo cultural, pronto para o consumo e a exportação...

Outras geografias poéticas

Felizmente que, perante isto, contém Raul outras *geografias poéticas* menos consumíveis. Apontemo-las brevemente aqui.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Há, na sua obra, antes de todas, uma geografia maternal e biográfica, representação de uma ancoragem básica a um continente: o do espaço material, social e emotivo da sua infância, da sua mãe e do perene sentimento de pertença à terra. Em certos poemas, o Príncipe Altivo (ou Alvito?), a casa materna e a rua das Manhãs em que nasceu, o Largo do Relógio e os campos de Alvito, as brincadeiras dos amigos e a incompreensão perversa dos afectos – parecem, diríamos parafraseando Staiger²³, “soar como língua”. Mesmo que seja, apenas, para articular “Nunca Mais”²⁴. Sistematizamos e citamos a seguir, arbitrariamente, alguns elementos e alguns versos dessa língua.

a) Por um lado, assinalamos a síntese existencial e lírica, que se aloja, para sempre, no espaço natal da “solitária planura” e das estruturas verbais e rítmicas da sua mundividência fundadora:

A vila de Alvito
tem ruas e praças,
homens e mulheres
e muitas desgraças.
A vila de Alvito
tem dois lavradores.
tem muita riqueza
e raros amores.
A vila de Alvito
tem uma cruz ao lado –
Quem manda na vila
Não lhe dá cuidado.
Maltezes, ganhões,
sangue misturado.
Na vila de Alvito
é que eu fui criado²⁵.

A referencialidade espaço-cultural explícita nunca, em Raul de Carvalho, se omite nem se elide; mas, vários anos depois, aprofunda-se o seu estatuto de

²³ STAIGER, Emil, op. cit. 21.

²⁴ Op. cit. 331.

²⁵ Id., 27

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

“segunda linguagem”. Vejam-se alguns excertos do belo poema “Torre de Menagem”, em *Mesa da Solidão* (1955):

eu acumulei tristeza
como quem enche de vinho velho e maduro
os tonéis dos anos

não nunca troquei o pólen
que há nas plantas e nos seres
pelo cinzento chão dos cárceres
eu nunca tive amor senão ao vento ao Sol à resina dos pinheiros²⁶

nasci com o coração
e os olhos da terra
a paisagem que me deram para ver
ensinou-me a esperança
numa haste que sobe
dia a dia sobe
e cada vez mais sobe
do meu para o teu coração

[...]
por isso a poesia foi meu berço
minha língua natal e passageira
por isso eu sei que a nostalgia
de um bem que nunca foi
é a morada predilecta
dos homens como eu
e tudo o que depois me aconteceu
foi mandado por Deus e estava certo.²⁷

A profissão de fé, talvez estruturalmente bucólica, na organicidade e no corpo, patente nesta poética, intui, parece-me, o carácter profundamente sensorial – e propriamente *estético* - de toda a poesia.

b) Agora, traduzindo uma inclinação ao despojamento lapidar, contemplemos o enigmático motivo das lavadeiras, que aparecem duas vezes nos poemas de Raul, como

²⁶ Id., 238.

²⁷ Id. 239-240.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

uma espécie benigna de Parcas, que podem figurar, em simultâneo, o Tempo, o oblívio, e a redenção:

é aqui, neste poço sem tampa nem limite,
sem água e todavia
constantemente cheio,
que as lavadeiras vêm
lavar a nossa roupa de crianças,
e procurar, na trémula agitação das águas,
um indício salvado à seca e ao extermínio,
um inocente olhar, um puro gesto nosso²⁸

as lavadeiras lavam nos montes.
O que elas lavam? O hoje. O antes.
[...]
vão com a água... A água corre
lá para o sítio, bem dentro, aonde
o ser secreto das lavadeiras lava e se esconde²⁹

c) Por vezes, são-nos oferecidas cristalinas e dulcíssimas composições,

orientalizantes como esta:

Pastoral de abelhas
límpidas
o Sol.³⁰

ou esta – erótica, espacial, ou metapoética:

Sobre o liso e raso
campo de searas
se revelam teus
músculos de prata.³¹

(Assinalo, de passagem, o urgente cotejo que há a fazer entre a poesia de Raul de Carvalho e a poesia e ficção de José Luís Peixoto – que é, como por coincidência, autor igualmente alentejano³²).

²⁸ Id., 203.

²⁹ Id. 683.

³⁰ Id. 509.

³¹ Id. 334.

³² Cf. por ex., op. cit. 523 e 466.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

d) E, assim, vemos como se vai desde sempre insinuando, em Raul de Carvalho, um duplo movimento simbólico: o da busca da transcendência, no desenho de um destino individual tutelado por uma entidade ancestral, a da terra; e o da sua corporização, sempre, e sempre com mais espaço e densidade, no apelo homoerótico.

Recordo como davas
Teus saltos, infantil
Corça, ou moço deitado
À beira deste rio

Onde finjo que descanso onde me embalo
Nos braços de minha mãe³³

Uma geografia metafísica

Este texto vai já demasiado longo. Resta-me, no entanto, assinalar, ainda, nesta complexa *geografia poética*, outro importante tropismo: o da miscigenação orgânica entre corpo, cosmos e eros.

Era algo já insinuado em *Parágrafos*, com as suas múltiplas e, por definição, estilhaçadas alusões biográficas, sanguíneas, eróticas, telúricas, maternas³⁴. Desta constelação significativa, avultam, segundo creio, dois temas: o da transfusão identitária e erótica; e o tema do sangue, talvez crístico, trans-substanciado no vinho. Anda por estes versos murmurando alguém, sempre velho e bêbedo: “Dir-se-ia que o vinho que bebeste te coagulou no sangue”³⁵.

³³ Id. 739.

³⁴ Id. 265 e seg.s.

³⁵ Id. 463.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Em “Família” o sangue, enquanto identidade genética, permite, através da contemplação pungente e facial do seu destino, a fidelidade à Mãe e ao corpo nu³⁶. Mas a identificação é mais erotizada e fusional, mais orgânica, em “Não havia diferenças”:

A mesma boca;
a mesma delicada e funda origem;
os mesmos olhos de ver ao longe..., interditos
a mesma condenação dentro do peito;
[...]
a mesma predilecção pelas medas de trigo, pelos sacos de trigo, pelas tarimbas na obscuridade, pelo cheiro acre que deitam os animais
[...] com a enorme e cálida avidez que o cio se encarrega de desvelar, amolecer, adormecer, coroar das coisas impossíveis!³⁷

Ou, numa glosa a um verso de Apollinaire :

a verdade é que fomos
feitos do mesmo sangue
violento e humilde³⁸

Posso recordar ainda Staiger, quando elege o presente e a ausência de distanciamento entre o sujeito e o objecto como as insígnias fundamentais do modo lírico³⁹. Ou, ainda, a sua noção de “re-cordação” poética – a operação que consiste em liricamente trazer de novo ao coração, como em “Miracles de l’enfance”:

tua possível e íntima presença
disponho, aqui, no terreno
onde está plantado,
onde está deitado,
onde está estendido,
onde está dirigindo os sonhos
este eternamente novo
ritmo que é feito

³⁶ Op. cit. 789.

³⁷ Id., 799-800.

³⁸ Id. 257.

³⁹ STAIGER, Emil. Op. cit. 51-59.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

do humano e divino
corpo e esquecimento
do corpo⁴⁰

A associação típica, no motivo do sangue, de Eros e da morte, aparecerá por seu lado em “19 Brumário”⁴¹. E, no poema inicial de *Tautologias*, “Uns pingos de sangue/seco./ Umas rugas na cara [...]”- reinscrevem na face do poeta a autoconsciência textual, o corpo – e o sangue⁴².

Poeta da facialidade e da visão, tal como o estuda Isabel Rato, creio que, em Raul de Carvalho, escrever o corpo não é descrevê-lo, mas evocá-lo, captá-lo numa espécie de teia fónico-semântica que mimetiza o *continuum* sensorial na superfície do poema - tal como defende teoricamente Michel Collot⁴³. O corpo, aqui, verdadeiramente clama por um olhar que veja o invisível e torne manifesta essa invisibilidade, exorbitando os contornos da figura, em direcção ao fundo luminoso ou obscuro que a envolve⁴⁴:

Não sei dizer que estranha luz envolve
o teu perfil alucinado e puro
procuro a castidade das palavras
como a ti próprio, no abismo, te procuro.⁴⁵

⁴⁰ Op. cit. 195.

⁴¹ Id. 675.

⁴² Id. 471.

⁴³ COLLOT, Michel (2008) *Le Corps Cosmos*. Paris : La Lettre Volée. 102-103.

⁴⁴ Id. 97-98.

⁴⁵ Op. cit. 428.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Uma geografia flutuante

Terminando esta incursão pela poesia rauliana, resta-me concluir da pertinência da geografia poética enquanto noção heurística de alta produtividade. E, em jeito de confiança, contar-vos os sentimentos que por vezes me assaltam durante o trabalho de tratamento do espólio do poeta. Herdeiros e testamentários que afinal não o são, amantes displicentes e desaparecidos, chaves replicadas à socapa, gavetas arrombadas, bibliotecas e valiosas pinturas desaparecidas – de tudo isto há na história póstuma deste poeta.

Uma nova e perturbante geografia orgânica e poética se infiltra na prática sisuda da ecdótica e da crítica textual. É uma poética fetichista dos sinais materiais do corpo do autor, uma arqueologia da experiência física da criação. Entre os papéis deixados, o ADN autoral – literal e figurado – deposita-se à superfície dos inúmeros manuscritos inéditos, dos desenhos, das peças de teatro, dos cenários esboçados em mil e um tipos de papel: guardanapos, postais, cartões de visita, facturas antigas, bilhetes riscados. O poeta fala-nos em cada pedaço letra desenhada – e esta *geografia flutuante* dos papéis, da indiferenciação caótica, e do pó, é anunciada pelos versos do autor:

Eu tive sempre o prazer dos papéis...
Voláteis. Desfibráveis. Contínuos. Indecifráveis.
Eu tive sempre o prazer dos papéis.⁴⁶

O corpo e o espaço do autor pulverizam-se: são *terra incógnita*, matéria negra. Propriamente despedaçada, a geografia deste corpo dispersa-se e interpela-nos na unidade interna, na variabilidade e na mistificação caligráfica. Incipientes

⁴⁶ Id. “Pequena Elegia”, 854.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

sistematizações anteriores, desastrosas ou apenas desastradas, ombreiam com falsificações ingénuas. A exumação é, antes de tudo, a das máscaras mortuárias. Adivinham-se os contornos portentosos de um novo continente autoral, anunciando, trémulo, o prodígio da sua aparição.

E aquele que só desejou, na paz da campa,

Um cálice de brandura
Um pó de esquecimento
O quadrilátero mais simples que houver em pedra
talhada pelos homens
E com estes dizeres: Poeta, e mais nada.⁴⁷

... continua, inquieto, a sussurrar ao nosso ouvido, na salinha da Biblioteca Municipal de Alvito, entre as prateleiras e as caixas onde estamos, diligentemente, a tentar amortalhá-lo:

Lá onde a morte é disforme
consagração do infinito
é que eu me escuto e deserto
é que me espanto é que minto

é que tudo quanto aqui
me detém e me seduz
traz oriunda de raiz
outra forma e outra luz.

Lá onde estão reunidas
Sem saber quais elas sejam
As coisas todas perdidas
E as outras que nos desejam.⁴⁸

⁴⁷ Op. cit. “Campa”, 742.

⁴⁸ Op. cit. “Sobre a campa de meu Pai”, 599.